Ilações teóricas entre consumo, subjetividades e marcas identitárias

Ana Hoffmann

Resumo: Objetivo desta pesquisa foi mostrar através da manifestação simbólica das culturas jovens provenientes da moda, da música e da linguagem, como se movimentam os jovens no cenário urbano (*underground*) contemporâneo de Porto Alegre. A experimentação consistia em ter o rosto e o corpo cobertos, mantendo o foco nas trocas de roupas que ilustrariam estas práticas culturais. Nesta experimentação em torno dos grupos jovens, identificou-se a construção de determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades. Com isso, a ação, as palavras decalcadas e o corpo nulo contrastado com a sobrecodificação que as roupas representam, buscam através das estruturas que determinam à organização social das aparências destes jovens: *Os modos de ser e estar jovem na moda* e a percepção do consumo de moda.

Palavras-chave: Consumo; subjetividade; marcas identitárias



Figura 1: *Flyer* de divulgação da Performance.

Durante a disciplina de *Gráficas, Plásticas, Pictóricas e Visuais* ministrada pela professora Drª Paola Zordan[1] foi abordado como se manifesta a arte no cenário contemporâneo através de discussões apoiadas por imagens. Destes *insights* de

[1] Responsável pela disciplina que faz parte do curso de Pós Graduação Lato Sensu Especialização em Pedagogia da Arte, da Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

sala de aula, surgiu a ideia que teve como atividade uma intervenção[2], resultando num laboratório sobre as juventudes contemporâneas, em que o objetivo foi mostrar através desta manifestação simbólica das culturas jovens provenientes da moda, da música e da linguagem, como se movimentam os jovens no cenário urbano (*underground*) contemporâneo de Porto Alegre.

A experimentação que consistia em ter o rosto e corpo totalmente cobertos com uma malha preta, consistia em "anular" a identidade da *performer*, para que esta pudesse assumir, através dos diferentes modos de vestir, outros modos de ser. Despia-se de si mesmo, assumia novos "eus" representacionais a partir das trocas de roupas, sugerindo um "não corpo" sob o corpo roupa.

Neste trajeto, a pesquisadora também fazia uso de "palavras-chaves", distribuídas e adesivadas no chão, em diferentes localizações: "nomadismo, hedonismo, consumismo, multiculturalismo, identidade, subjetividade, singularidade, heterogeneidade, individuação, tribalização, homogeneização e territorialização" eram conceitos que atravessam a discussão abordada na intervenção: Este corpo performático, em certa medida, teatralizou a vida real e através de artefatos da moda, responsáveis por dar forma ao conjunto visual, compuseram seus personagens.

O experimento híbrido propôs questionar quem são estas juventudes aqui representadas? Qual seu modo de vida? Qual a sua identidade? Que símbolos fazem parte desta identidade? Que grupos são estes? Qual é a moda destes grupos? Em que espaços estão inseridos? Que “outras” juventudes são estas que “fluidas e cambiantes” percorrem os espaços aqui delimitados?

A “diferença” neste estudo foi ilustrada através das “imagens de pensamento” estratificadas no universo contemporâneo da estética jovem, que tem como suporte a roupa e consequentemente a moda, mas, não (e sim) a moda engrenagem capitalista; não (e sim) a moda instituída pela indústria, que faz com que o indivíduo usuário (pense que ele) tenha autonomia sob suas escolhas. Mas, uma moda, que experimenta os modos de vida, tendo a “criação em si mesma, diferença extemporânea” que cria “alegorias e artifícios para suportar os corpos na andança errante dos fluxos, na passagem louca de devires” (ZORDAN, 2010, p.07) e apresenta a performance proposta, cujos “fluxos” se definem pela identidade destes

[2] A proposta desta intervenção artística foi realizada na Faculdade de Educação, Campus Central, dia 14 de setembro de 2010 às 19 horas.

jovens, sendo esta relacionada, inclusive, ao sentimento de “pertencimento” dos sujeitos uns aos outros, logo, subjetivados uns pelos outros e pelo contexto em que estão inseridos. Estas “singularidades são compreendidas como as próprias criações, sendo estas potencializadoras de vida”, Fontebasso, (2002, apud ZORDAN, 2010, p.04) e fontes que produzem diferença, para refletir sobre uma possível estética da existência, onde pode-se ter a própria vida como obra de arte.

“A ideia de “identidade” *nasceu da crise do pertencimento* e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o que “deve” e o que “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia”. (BAUMAN, 2004, p.26)

Os modos de subjetivação trazem possibilidades de estar dentro do instituído e subverter a ordem para auto-afirmar-se e construir um modo de vida que torne o sujeito mais potente, poderoso e a moda, neste caso, é um dos *códigos*, que identifica a maneira de pensar e a que grupo pertencer, permitindo transitar por diversos estilos, diversos grupos, diversas modas, trocando experiências, formando um sistema cultural e estabelecendo relações de poder.

Mas que identidade escolher e como ficar alerta para que outra escolha possa ser feita, caso a identidade antes escolhida seja retirada do mercado ou despida do seu poder de sedução? Bauman (2004, p.19) irá comentar que: “As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas.”

Este alerta do qual trata o autor, relata o risco de sujeitar-se completamente a um modo de ser, a uma verdade, a qual nem sempre será benéfica, no entanto, encontrar um lugar dentro da estrutura de um grupo ou classe social constitui também uma lei de sobrevivência.

Retomando os *insights* desta performance, em que o próprio corpo representou o trânsito entre os diversos grupos jovens, "corpo diferente, estranho, matéria para um devir que não pertence ao nome e a pessoa que o configuram” (ZORDAM, 2010, p.07), neste caso, ilustrando, entre uma troca de roupa e outra, o caráter performático e nômade jovem, que buscam se distanciar de alguma forma da tendência a homogeneização cultural desenvolvendo novas formas culturais, através do seu comportamento, sua maneira de vestir-se e dos espaços frequentados.

“A abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido mostra-nos seu caráter de inseparabilidade [...] a dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários” (GUATTARI, 1992, p.153).

Desta forma, o corpo é subjetivado pelos espaços percorridos, sendo que os lugares frequentados têm na estética de seu público alvo acordos pré-estabelecidos. “Constante desterritorialização, criar transforma a paisagem, potencializa a vida e a novidade a cada instante. Por outro lado, produz imagens de pensamento para reterritorializar a vida num traço de plano, um projeto de vida, uma obra de arte.” (ZORDAN, 2010, p.10)



Figura 2: Rosto coberto entre trocas de roupa.

Deleuze e Guattari depositam no rosto toda importância de subjetividade do sujeito, conforme ilustra a figura 2, ao enfatizar que: “Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme uma realidade dominante.” (DELEUZE; GATTARI, 1996, p.32)

Para reforçar a “rostidade” proposta pelo autor, quando rosto é coberto, passa a ser só cabeça e perde sua significância, logo, o foco se volta para o corpo. Desta forma, concretiza-se o apelo estético da proposta, que mantém tanto o rosto, quanto o corpo cobertos por uma “segunda pele” negra, voltando sua atenção para a roupa, símbolo concreto do qual se apropria para ilustrar o visual destes jovens.



Figura 3: O vestir como expressão da identidade.

Reforça-se à importância estética destes jovens através da leitura de Carmo (2001; p. 203) que comenta que “o grupo e o indivíduo passam a ser reconhecidos pelos adereços e vestimenta que usam, e o estilo torna-se uma importante expressão da identidade e dos ideais por ele adotados”.

Na figura 3 a assimilação deste “repertório” de adereços se dá pela relação de reconhecimento que se estabelece entre o sujeito e o tema proposto. A moda procura artefatos que produzam efeito no outro. Entretanto, nem sempre o sujeito vai de acordo com a moda outorgada, nem sempre está em busca das novidades sugeridas, e propõe uma estética “antimoda”, que se difere da moda vigente, mas que rapidamente é assimilada pelo sistema da moda. Desta necessidade de mudança dos jovens, se constrói, tanto o estilo, quanto o caráter político e econômico da moda.

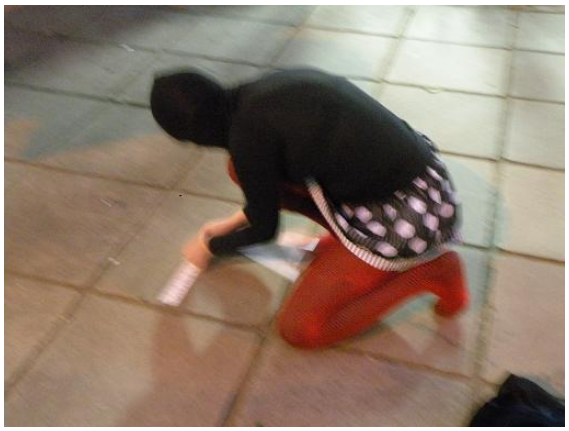

Figura 4: "invasão" e demarcação de espaços.

“À medida que o efêmero invade o cotidiano, as novidades são cada vez mais rápidas e cada vez mais bem aceitas; em seu apogeu, a economia-moda engendrou um agente social à sua imagem: o próprio *indivíduo-moda*, sem apego profundo, móvel, de personalidade e gostos flutuantes.” (LIPOVETSKY, 2009, p.205)

Contudo, não cabe mais falar em juventude, nem moda, muito menos tribo; mas, juventudes, modas, grupos que se entrecruzam e na pluralidade assumem seu sentido trazendo múltiplos significados, formas e definições, sendo a máxima do

“nomadismo” urbano e do “tribalismo”, ou seja, mantendo-se agrupados por afinidades de gostos e estilos, como ilustra a figura a seguir:



Figura 5: Grupo heterogêneo motivado pelo “estar junto"

> “O nomadismo pode ser sintomático quanto ao espírito do tempo: como o espírito, ele é vaporoso, sopra onde quer, e não se deixa abater por alguma barreira qualquer, a da identidade, e das definições, a das fronteiras e outras formas de compromisso de residência.” (MAFFESOLI, 2001, p.186).

Pode-se dizer sobre estes jovens que, na mesma velocidade em que criam os laços, desfazem. O nomadismo exige movimento constante. Não cria raízes em local algum e reforça paradoxalmente a individualidade dos sujeitos, que mesmo formando microgrupos, reforçam seu caráter individual.

O “diferente” circula por estes espaços; mesmo quando estes jovens se tornam semelhantes uns aos outros, haverá diferença, a “individualidade”, pregada por Lipovetsky (2009). Entretanto, mantêm-se agrupados em pequenos grupos, caracterizando o fenômeno da tribalização, que utiliza esta expressão para descrever o comportamento nos grandes centros urbanos, onde há a consolidação do convívio de pequenos grupos que conseguem manter sua identidade individual. Desta forma, entende-se que:

> modos de vida estranhos uns aos outros podem engendrar, em pontilhado, uma forma de viver em comum. E isso, permanecendo fieis a especificidade de cada um. Foi isso que fez, no instante de sua fundação, a fecundidade dos grandes momentos culturais.” (MAFFESOLI, 1998, p.142)

A este mesmo fenômeno que o autor acima chama de formação de “tribos pós modernas”, Bauman (2008) irá discordar, tratando apenas como “tendências de estilo” da sociedade de consumo, mediadas pelo mercado, onde se traduz explicitamente os sentimentos de aprovação, inclusão ou exclusão e abandono. O

autor justifica: “Você também não é livre para influenciar o conjunto de opções disponível para escolha: não há outras alternativas possíveis, pois todas as possibilidades realistas e aconselháveis já foram pré selecionadas, pré certificadas e prescritas” (Idem, 2008, p.110), reforçando o perfil da cultura consumista.

Desta forma, nesta experimentação em torno dos grupos jovens, identifica-se a construção de determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem. É nesse sentido que enfatiza-se a noção de juventudes, no plural, para reforçar a diversidade de modos de ser jovem existentes na contemporaneidade.

A ação, as palavras decalcadas e o corpo nulo contrastado com a sobrecodificação que as roupas representam, buscam através das estruturas que determinam à organização social das aparências destes jovens: *Os modos de ser e estar jovem na moda* e a percepção do consumo de moda.

Dos experimentos já realizados, surge o desejo de algo mais, que ainda não se sabe muito bem o que se quer, mas que no devir isso que se torna um pensamento que desloca a moda, as identidades, enfim, o próprio conceito de juventude, o que é ser jovem, como um jovem se veste, como as pessoas de quarenta anos ainda são jovens!

Referências

BAUMAN, Zygmunt**.** *Identidade:* Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 107p.

_____. *Vida para o consumo:* a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199p

CARMO, 2001. CARMO, Paulo Sérgio do. *Culturas da Rebeldia:* A juventude em questão. São Paulo: Senac, 2000. 280p.

GATTARI, Felix. *Caosmose:* um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 1992. 1. Ed. São Paulo: Editora 34, 1992. 208p.

DELEUZE; GATTARI. 1996. *Mil Platôs:* capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Tradução

de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996. 96p.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero:* a moda e seu destino nas sociedades modernas. 8. reimpressão. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 352p.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos:* o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução de Juremir Machado da Silva. 2 ed.Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 320p.

_____. *Sobre o nomadismo:* vagabundagens pós-modernas**.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001. 205p.

ZORDAN, Paola. *Criação na perspectiva da diferença.* Revista digital LAV, Santa Maria, Ano III, Nº 05, 2010. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/revislav/article/view/2135/1297 Acesso em: 27/03/2012